



ARTE NA PRAÇA: uma experimentação feminista

JÚNIA CRISTINA PEREIRA

juniapereira@ufgd.edu.br

Universidade Federal da Grande Dourados

MARISE MASSEN FRAINER

marisefrainer@ufgd.edu.br

Universidade Federal da Grande Dourados

CATIA PARANHOS MARTINS

catiamartins@ufgd.edu.br

Universidade Federal da Grande Dourados

CAMILE CECÍLIA DOS ANJOS

camileanjos@gmail.com

Universidade Federal da Grande Dourados

RESUMO

O texto discute o Projeto de Extensão “Arte na Praça: vivências artísticas com mulheres”, vinculado à Universidade Federal da Grande Dourados, que buscou proporcionar o acesso à cultura e a práticas artísticas, em conexão com os desafios da vida de mulheres da periferia de Dourados - MS. O relato da experimentação feminista está dividido em três momentos, sendo uma apresentação geral do Projeto; na sequência, reflexões acerca das práticas de interdisciplinaridade, horizontalidade, e aspectos da formação de público nas Oficinas, Rodas de Conversa e Mostra de Espetáculos; e considerações sobre espaços coletivos de aprendizagem frente às violências da modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismos. Arte-educação. Direito à cultura. Extensão universitária.

ART IN THE SQUARE: a feminist experiment

ABSTRACT

The text discusses the Extension Project “Art in the Square: artistic experiences with women”, linked to the Federal University of Grande Dourados, which sought to provide access to culture and artistic practices, in connection with the challenges of the lives of women from the periphery of Dourados - MS. The account of feminist experimentation is divided into three moments, being a general presentation of the Project; subsequently, reflections on the practices of interdisciplinarity, horizontality, and aspects of audience formation in Workshops, Conversation Circles and Show Shows; and considerations about collective learning spaces in the face of the violence of modernity.

KEYWORDS: Feminisms. Art education. Right to culture. University extension.

Arte en la plaza: una experimentación feminista

RESUMEN

El texto discute el Proyecto de Extensión “Arte en la plaza: vivencias artísticas con mujeres”, vinculado a la Universidade Federal da Grande Dourados, que tuvo como objetivo proporcionar el acceso a la cultura y a las prácticas artísticas, en conexión con los desafíos de la vida de las mujeres de barrios periféricos de la ciudad de Dourados – MS. El relato de experimentación feminista se divide en tres momentos: la presentación general del Proyecto; en la secuencia, reflexiones sobre las prácticas de interdisciplinaria, horizontalidad, y aspectos de la formación de público en los Talleres, Ruedas de Conversación y Muestra de Espetáculos; y las consideraciones sobre los espacios colectivos de aprendizaje frente a las violencias de la modernidad.

PALABRAS CLAVE: Feminismos. Arte-educación. Derecho a la cultura. Extensión universitaria.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto apresentaremos e discutiremos o Projeto de Extensão Universitária “Arte na Praça: vivências artísticas com mulheres” (PROEX/UFGD, 2022), construído por nós, as autoras do texto vinculadas à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Nossa metodologia é um relato do projeto de extensão, a partir do registro de nossas impressões em diário de campo, além de registro fotográfico das atividades. Em alguns momentos, citamos, na íntegra, trechos das narrativas das participantes. Almejamos uma “escrita de si” (Rago, 2023), uma escrita de nós. Uma escrita a partir do que nos afeta, de momentos, questões e encontros que nos mantêm vivas e ousamos sonhar com mundos outros e incontáveis modos de ser/estar mulheres e corpos feminizados. Para nós, “escrever é, portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade” (Rago, 2023, p. 56).

O Projeto de Extensão “Arte na Praça: vivências artísticas com mulheres” foi desenvolvido durante o ano de 2022, na Praça da Juventude, em Dourados, Mato Grosso do Sul. O Projeto teve origem no desejo de ocupar esse espaço público que desde a sua inauguração, em 2015, tem sido subutilizado e que, desde o início da pandemia de Covid-19, em 2020, encontrava-se fechado.

A Praça da Juventude é um equipamento público localizado na periferia da cidade e o espaço deveria comportar várias atividades de esporte, lazer, cultura, saúde e assistência social. O espaço contém salas administrativas, uma quadra poliesportiva, parque para crianças, uma pista de skate, bancos e um pequeno teatro para 60 pessoas. Desde a inauguração, em 2015, um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) já funcionou no local, e, no momento de nosso projeto, estava em atividade uma equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e um posto para o descanso da Guarda Municipal.

Apesar da proposta e da boa infraestrutura, encontramos o espaço público mal cuidado, com horário restrito de funcionamento (de 8 às 17 horas), fechado com alambrado e cadeado (inclusive nos finais de semana), com somente uma funcionária terceirizada e responsável pela limpeza, com pouca iluminação, necessitando de jardinagens e demais cuidados de manutenção. E o teatro, o principal espaço para nós, estava fechado, com sinais de depredação e subutilizado. Quando utilizado, era para as atividades coletivas da equipe do NASF (atividades de educação em saúde e educação física). Somando aos descuidos com o patrimônio

público, acrescentamos os desafios de envolver a comunidade numa ação a longo prazo e em horário comercial, além do aspecto elitista que ainda marca a atividade teatral no imaginário coletivo.

O objetivo geral do Projeto foi proporcionar a criação, a fruição e a formação artística, a partir da inspiração da proposta triangular para o ensino de arte: criação, leitura da obra de arte e contextualização (Barbosa, 1998), visando promover o acesso à cultura e oportunizar a vivência da criação artística à moradoras em bairros localizados na periferia de Dourados, relacionando práticas artísticas às discussões sobre os desafios da vida na sociedade capitalista e cisheteropatriarcal. O projeto também buscou promover a produção de conhecimentos e experiências a partir de processos dialógicos, colaborativos e solidários, que contrariam a lógica extrativista, competitiva e individualizante da atualidade. Buscamos a construção de um espaço de troca e interação entre o público-alvo, e a equipe do projeto, formada por docentes, técnica/o e estudantes da UFGD.

O Projeto englobou as seguintes ações: Oficinas de teatro e Rodas de Conversa para mulheres; Oficinas de teatro para crianças; e Mostra de Espetáculos teatrais. As Oficinas de teatro e Rodas de Conversa foram atividades interdisciplinares que envolveram profissionais das áreas de Artes Cênicas, Psicologia e Artes Visuais e foram realizadas semanalmente, de março a novembro de 2022, contando com uma média de 15 participantes assíduas. As Oficinas de teatro para crianças ocorreram também semanalmente, de março a junho, com média de 05 participantes. Já a Mostra de Espetáculos foi aberta a toda a comunidade, com curadoria e produção da equipe do Projeto e a parceria de grupos/coletivos/núcleos teatrais da cidade e região, muitos deles vinculados à/aos artistas/pesquisadoras/es oriundos do Curso de Artes Cênicas da UFGD. Todas as atividades foram ofertadas de forma gratuita para a comunidade.

O Projeto foi realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Dourados, que cedeu o teatro público da Praça da Juventude para a realização das atividades, e com grupos/coletivos/núcleos teatrais da região, que se apresentaram voluntariamente. O Projeto contou, ainda, com o apoio do CRAS e do NASF na divulgação e articulação de público para as ações.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 MULHERES, FEMINISMOS E HORIZONTALIDADES

O Projeto “Arte na Praça” foi vinculado ao Curso de Artes Cênicas da UFGD, mas contou com uma equipe interdisciplinar à frente das Oficinas de teatro e Rodas de Conversa

voltadas para mulheres. Essa equipe foi formada por duas professoras de teatro, uma professora de psicologia, uma designer gráfica e quatro estudantes de Artes Cênicas, além de uma egressa do mesmo curso. Parte desse grupo já vinha construindo diálogos anteriormente à existência do Projeto, a partir de movimentos feministas e sindicais presentes na comunidade universitária¹, e foi essa prática que deu origem ao Projeto, por meio do encontro e articulação das profissionais a partir de objetivos comuns.

Consideramos que os espaços feministas dentro da Universidade são fundamentais para o reconhecimento e o fortalecimento das mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, que se encontram dispersas numa estrutura disciplinar e hierarquizada. A organização universitária premia a produtividade individual, chegando a estabelecer rankings de avaliação docente. Nesse contexto, em que as mulheres precisam competir de forma desigual para garantir sua produção individual, engajar-se numa prática coletiva é uma atitude subversiva capaz de construir alianças entre mulheres e sujeitos dissidentes. Essas relações estão marcadas por preocupações com a horizontalidade e interdisciplinaridade, gerando novas perspectivas e desautomatizando as formas de saber e fazer já consolidadas em cada área.

A ação extensionista, especialmente na área social, tem sido um espaço de protagonismo feminino nas Universidades, enquanto que, no topo da pesquisa acadêmica, os homens ainda se destacam². Essa dicotomia reflete a desigualdade de gênero também no contexto universitário, pois atividades de extensão estão relacionadas ao serviço social e comunitário, enquanto as atividades de pesquisa estão relacionadas ao desenvolvimento tecnológico. Por outro lado, na extensão universitária desenvolvemos saberes e fazeres minoritários, na interface com sujeitos/as que estão historicamente marginalizados/as, sem acesso ao ambiente acadêmico.

Em nossa experiência, vimos como desde a nossa primeira reunião de planejamento das Oficinas e Rodas de Conversa, em dezembro de 2021, os princípios da horizontalidade e da interdisciplinaridade substituíram formas pré-concebidas e tradicionais de divisão do trabalho.

Num primeiro momento, as Oficinas de teatro e as Rodas de Conversa foram pensadas

¹ Além das atividades acadêmicas, as participantes do Projeto são atuantes nos movimentos sociais, em especial de mulheres, e compõem o Coletivo “Batuqueiras de nós mesmas”, grupo de maracatu feminista que ocupa os espaços da cidade.

² De acordo com análise do Movimento *Parent in Science* (2023), as mulheres representam apenas 35,6% das pessoas contempladas com Bolsas de Produtividade em Pesquisa nos níveis 1 e 2. Além disso, a participação das mulheres diminui conforme o aumento dos níveis das bolsas: mulheres são 37,7% de bolsistas PQ nível 2 (inicial) e somente 27,2% de bolsistas PQ nível 1A. No cruzamento de gênero e raça/cor, a análise considerou a autodeclaração dos/as bolsistas (19,2% optaram por não declarar raça/cor). Entre os/as declarantes, 31,3% de bolsistas PQ nível 1 e 2 são mulheres brancas, 4,8% são mulheres pardas, 0,8% são mulheres pretas e 0,1% são mulheres indígenas.

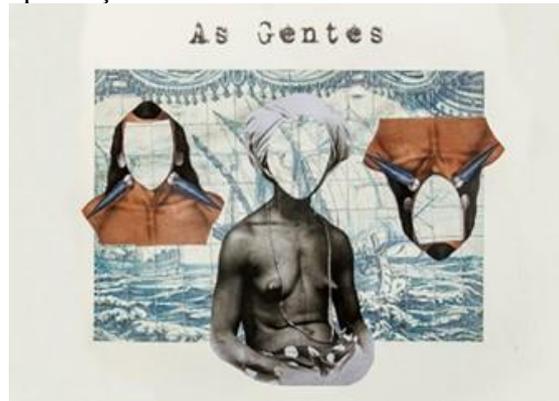
como atividades distintas, a serem conduzidas, respectivamente, por profissionais do teatro e da psicologia. Embora houvesse uma previsão de inter-relacionamento entre essas atividades, percebemos já em nossa primeira reunião que essa proposta inicial trazia uma visão disciplinar e que nos colocava em lugares já pré-determinados de atuação profissional.

Vimos, nas reuniões de planejamento, que havia um desejo de estarmos juntas, ainda que isso nos exigisse maior dedicação e fosse demandar uma maior carga horária de trabalho. Assim, optamos por construir coletivamente as práticas corporais e as atividades reflexivas, rompendo as barreiras que a ciência tradicional estabelece entre elas. Foi assim que as Oficinas e as Rodas de Conversa para mulheres se tornaram uma mesma atividade, na qual uma equipe interdisciplinar atuou de forma horizontal e colaborativa na proposição de ações.

As Oficinas, de forma geral, foram organizadas em quatro momentos. Primeiro, o acolhimento das participantes e bate papo inicial. Depois, em forma de rodízio, alguém coordenava o alongamento e propunha jogos teatrais. Na sequência, a experimentação artística (teatro, desenho, poesia, conto, artes visuais, documentários etc.) e o diálogo avaliativo sobre a oficina. Por fim, fazíamos um lanche coletivo e aproveitávamos o bate-papo informal para planejamento coletivo da Oficina da próxima semana.

Trazemos, como exemplo, atividade realizada em outubro/2022, na qual partimos primeiramente de duas obras artísticas de Rosana Paulino: “As gentes” e “As riquezas destas terras” (figuras 01 e 02). A partir da apreciação e leitura coletiva das obras, o grupo se engajou em uma conversa sobre colonialismo e racismo. Num segundo momento, tal conversa foi motivadora para criação artística, utilizando jogos teatrais que visavam a criação de imagens por meio da expressão corporal. Evidenciamos aqui a horizontalidade na relação interdisciplinar: o conteúdo artístico não está a serviço de um debate sociocultural, e vice-versa. Arte e ciências humanas se conectam de forma horizontal, refletindo também a horizontalidade das nossas relações como equipe.

Figura 01 – Reprodução da obra “As Gentes” da artista Rosana Paulino



Fonte: <http://www.iea.usp.br/imagens/as-gentes/view>

Figura 02 – Reprodução da obra “As Riquezas desta Terra”, de Rosana Paulino.



© Rosana Paulino, As Riquezas Desta Terra, 2017. Impressão digital sobre tecido, linóleo, recortes, tinta e costura 96,0 x 126,0 cm.

Fonte: <https://rosanapaulino.com.br/>

Ao conduzir a leitura coletiva das obras de arte, buscamos privilegiar as percepções de cada pessoa do grupo, incluindo as nossas, valorizando a sensibilidade coletiva. Para hooks,

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. (...) Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr o risco, ligando as narrativas confessionais às discussões acadêmicas para mostrar de que modo a experiência pode iluminar e ampliar nossa compreensão do material acadêmico (hooks, 2017, 35-36).

Assim, mesmo trazendo informações que poderiam ajudar a contextualizar a artista e sua obra, e fornecendo mais ferramentas para a fruição artística, estávamos longe de sermos referências de uma leitura padrão ou correta das obras, pois também partilhamos nossas impressões subjetivas, memórias e sensorialidades próprias, tanto durante a conversa inicial

quanto, num segundo momento, experimentando também junto à turma a criação de imagens teatrais, conforme registrado nas imagens abaixo:

Figuras 03 e 04 - Registros de Oficina



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Figuras 05 e 06 – Registros de Oficina



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Figura 07 e 08: Registros de Oficina.



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Percebemos que a proposta interdisciplinar e horizontal das Oficinas nos colocava em sala de aula num revezamento constante entre a posição de condutora e propositora de atividades e a posição de quem experimenta, com seu corpo, expondo a si mesma como aprendiz. Em muitos momentos, nos misturamos à turma de estudantes na criação de cenas, imagens e na exposição de ideias e experiências.

O que estávamos ensinando nessas Oficinas: arte, teatro, sociologia, psicologia e/ou grupalidade? Foi com este e outros questionamentos no horizonte que conduzimos as Oficinas e Rodas de Conversa, entre ministrantes e aprendizes. Essa estratégia proporcionou que construíssemos uma relação de apoio mútuo, apostando numa prática que ensinava a aprender coletivamente, de forma horizontal, a partir das diferentes experiências trazidas pelo grupo.

Fomos atravessadas por questões de saúde, familiares, maternidade e demandas diversas de trabalho na Universidade, que em vários momentos nos impediram de estarmos todas juntas nas atividades. O fato de sermos um grupo feminista e desenvolvendo um trabalho de forma integrada e colaborativa proporcionou solidariedade e compreensão das situações vividas individualmente e que foram assumidas pela equipe. O vínculo construído entre as participantes e o revezamento entre nós, equipe de coordenação, certamente, contribuiu para a estabilidade do Projeto e para a manutenção das atividades semanais durante todo o ano de 2022.

2.2 MOSTRA DE ESPETÁCULOS

A Mostra de Espetáculos contou com nove apresentações, sendo duas peças para o público infantil e as demais para o público adulto, e sempre aos finais de semana. A partir de uma curadoria feminista buscamos espetáculos que, além de oferecer fruição estética, traziam debates sobre os direitos humanos, tais como: violência contra as mulheres, transfobia, racismo,

violências contra os povos indígenas Kaiowá e Guarani no sul de Mato Grosso do Sul, sentidos da terra e demais aspectos que marcam o cenário de violência local/regional.

A Mostra foi realizada mensalmente, aos finais de semana, com nove espetáculos teatrais apresentados para a comunidade: “Todas Serão Joanas”, com o Coletivo CLanDesTino³; “Cães”, com o Núcleo Teatral Isadora⁴; “A vida nos traz presentes inesperados”, com o Núcleo Cena Viva⁵; “DesOLar”, com a Pior Palhaça do Mundo e o Coletivo Teatro de Urgência⁶; “Travessia”, com o Núcleo Coelho Mordem⁷; “Jaity Muro” com

³ Apresentado em 05/03/2022, às 17h no pátio interno da Praça da Juventude. Sinopse: Nasceu Joanas! Voltamos às ruas! O Coletivo CLanDesTino compartilha: Uma terra distante! Uma mulher é queimada na fogueira? Seria uma deusa? Uma louca? Ou uma feiticeira? A história de Joanas. A existência que desafia os poderosos de Pantanal do Sul. Você viu aquela bruxa? Sabe o que ela fez? Com participação especial do Trio Joanas! Equipe: Pesquisa e criação: Adriano Paes, Camile dos Anjos, Igor Schiavo, Júnia Pereira, Karla Neves, Markus Chaves | Direção: Karla Neves | Direção musical e trilha sonora: Markus Chaves | Dramaturgia: Igor Schiavo, Júnia Pereira e Karla Neves | Figurino: Beatriz Gabriele e Karla Neves | Maquiagem: Karla Neves | Estruturas cênicas: Ed Alvarenga.

⁴ Apresentado no dia 03/04/2022, às 19h no Teatro da Praça da Juventude. Sinopse: Quando Cristóvão Colombo chegou ao Novo Mundo, escreveu, maravilhado, a seus financiadores — os Reis da Espanha — que aquele lugar deveria ser o Paraíso na Terra. Árvores majestosas, frutos saborosos, fontes de água límpida e habitado por uma gente nua e inocente. Colombo pede aos reis que “não permitam que aqui venha ou ponha pé nenhum estrangeiro — salvo católicos cristãos.” Ironias à parte, da beleza da arara restou o nome do execrável pau de arara, e a gente inocente assumiu a função dos cães que guardam o que ainda é possível extrair deste Paraíso Perdido. Equipe: Produção: Núcleo Teatral Isadora | Direção e Dramaturgia: Beto Mônaco | Atuação: Gina Tocchetto | Criação de Luz: Gil Esper | Direção Musical: Willian Grandó | Provocação Artística: Roberta Ninin | Fotografia de cena: Raique Moura | Fontes utilizadas na dramaturgia: Excertos de Carta de Cristóvão Colombo, Poesia “Espanha e Holanda”, de Leila Diniz, Poema Fábula “Ossos” e Canção “Vento”, de Gina Tocchetto.

⁵ Apresentado em 15/05/2022, às 19h no Teatro da Praça da Juventude. Sinopse: Uma mulher comum, anônima, igual a tantas outras, em um espaço praticamente vazio. No dia do seu aniversário de casamento, ela recebe um presente inusitado de seu marido. Sozinha em cena, ela faz um balanço de sua vida enquanto abre o pacote. A partir daí, memória, imaginação, sonhos e alucinações se misturam em uma narrativa não linear, para refletir sobre a condição feminina na sociedade atual. O que é ser mulher no mundo de hoje? Violência doméstica, opressão, machismo, frustrações, solidão e ausência de perspectivas são temas visitados pela montagem, que procura sensibilizar o público. Equipe: Produção: Núcleo Cena Viva | Atuação: Vânia Marques | Direção: José Parente | Criação, dramaturgia, figurino e objetos: Vânia Marques e José Parente | Iluminação: Gil Esper | Operação de luz e som: Rodrigo Bento e Bruno Augusto | Fotos: Bruno Augusto e Raique Moura | Edição de vídeo: Cadu Modesto.

⁶ Apresentado em 05/06/2022, às 17h na quadra de esportes da Praça da Juventude. Sinopse: Em seu próprio quarto, a Pior Palhaça do Mundo expõe, explora e zombeteia de alguns momentos do seu cotidiano, sempre do pior jeitinho possível. Descobrimo junto da galera como momentos pandêmicos, solidão e o próprio lar podem sugerir variadas intenções. Equipe: Produção: Teatro de Urgência e A Pior Palhaça do Mundo | Atuação: A Pior Palhaça do Mundo (Ludmila Lopes) | Direção: Davi Rocha, Gisele Lemarchal e Ludmila Lopes | Preparação de Elenco: Gisele Lemarchal | Fotografia: Kayque Paiva | Sonoplastia: Davi Rocha e Gisele Lemarchal | Iluminação: Beatriz Gabriele e Bento Rodrigues.

⁷ Apresentado em 30/07/2022, às 16h, no Teatro da Praça da Juventude. Sinopse: Na beira de uma estrada, uma mulher conta sua caminhada para encontrar seu verdadeiro nome. Uma viagem por terras cercadas, a fome e a sede são as sombras de quem busca vida fora das cercas. Em sonho, ela encontra o alimento para preencher suas necessidades, mas quando a chuva cai traz notícias de destruição, das águas e do mundo... ela vai precisar de coragem para ecoar seu canto e plantar sua semente. Equipe: Produção: Núcleo Coelho Mordem | Atuação: Mana Rodrigues | Encenação: Eduardo Gasperin | Dramaturgia: Júnia Pereira | Design de Figurino: Áurea Eu | Assistente de modelagem, corte e costura: Cida Moreira | Produção de Figurino: Desordem Lab | Produção de trilha sonora:

o grupo Orendive Teatro Intercultural⁸; “Japuka”, com o Coletivo Palhaços Sem Fronteiras Brasil e EUA⁹; “Des-calço”, com o grupo Produções 13¹⁰; e “35”, com o grupo Magenta Produções¹¹. Ao todo, aproximadamente 500 pessoas assistiram à Mostra de Espetáculos.

Ressaltamos, ainda, que a maioria dos coletivos artísticos, que participaram de forma voluntária, também eram formados por equipes de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. De nove

Estúdio Multi Acordes | Assessoria pedagógica: Mariana Dezinho | Mesa Colaboradora: Isadora Touro, Juma Jandaíra e Romário Hilário | Projeto de cenografia: Juliana Semeghini | Iluminação: Tamara dos Anjos e Rodrigo Bento.

⁸ Apresentado em 07/08/2022, às 19h, no Teatro da Praça da Juventude. Sinopse: Jaity, na língua kaiowá, significa “derrubamos” ou “derrubemos”. O espetáculo/performance Jaity Muro nasce do desejo de uma criação artística intercultural e parte da experiência pessoal das artistas Júnia Pereira e Rossandra Cabreira (Kuña Poty Rajegua), com a cidade de Dourados/MS, acreditando na premissa feminista de que “o pessoal é político”. As vivências com o espaço/tempo inscritas no corpo das performers ganham um espaço de elaboração narrativa, e revelam diferenças e semelhanças entre o espaço urbano e o espaço da reserva indígena. A partir de experimentações com objetos, sons, imagens, rituais, ações que nascem da experiência das performers com a cidade, surge a imagem do muro como um elemento que remete a sentimentos comuns de medo e solidão, mas também como o espaço de fronteira que é também de troca, encontro e subversão. Equipe: Produção: Orendive Teatro Intercultural | Direção: Karla Neves | Dramaturgia: Júnia Pereira, Karla Neves e Rossandra Cabreira | Atuação: Júnia Pereira e Rossandra Cabreira | Criação de Luz: Gil Esper | Seleção de trilha sonora: Igor Schiavo | Vídeos: Júnia Pereira, Juvenal Hermes da Silva, Rafael de Abreu e Rossandra Cabreira.

⁹ Apresentado em 15/09/2022, às 15h, no pátio da Praça da Juventude. Sinopse: Através da comicidade física, da música e das habilidades circenses, 4 palhaços e 1 palhaço compartilham com o público brincadeiras, fantasia e muita diversão! Para nós, Palhaços e Palhaços Sem Fronteiras, o riso tem um importante potencial de reestruturação afetiva, principalmente para pessoas que passam ou passaram por alguma situação de vulnerabilidade. Acreditamos que o encontro sincero de palhaços com público gera conexões humanas que trazem bem-estar e melhoram nossa qualidade de vida, por isso, vamos rir juntos! Equipe: Palhaços e Palhaços: Ludmila Lopes, Orlene Marie Carlos, Tetê Purezempla, Julie Moore e Kauan Scaldelai | Produção: Grupo Palhaços Sem Fronteiras Brasil e EUA.

¹⁰ Apresentado no domingo, dia 23/10/2022, às 19h no Pátio da Praça da Juventude. Sinopse: "Des-calço" retrata a trajetória de vida de Maria Benedita, uma mulher de fé que buscou no direito à terra a possibilidade de mudar sua história e a de toda a sua família. A partir de uma pesquisa ancestral, o espetáculo encena a realidade das pessoas que trabalham no campo, o percurso existencial e as marcas históricas de uma mulher que não descansou até tomar posse, com obstinação e coragem, do que era seu por direito. Equipe: Dramaturgia: Raquel Stainer e Antonio Netto | Atuação e produção: Raquel Stainer | Direção: Antonio Netto | Trilha Sonora: Otávio Akazo | Composição de cenário e figurino: Raquel Stainer | Orientação da pesquisa: Carla Ávila | Realização: Produções XIII.

¹¹ Apresentado em 06/11/2022, às 19h no Teatro da Praça da Juventude. Sinopse: Tempo é vida. E a partir dele nos constituímos de tudo aquilo que nos foi tirado. 35 é símbolo do tempo, do nosso tempo, do tempo das que já foram, ou das que podem vir. 35 é grito de socorro; é gemido de prazer; é loucura; é saber. Mas queremos mais que 35! Eu quero. Equipe: Produção: Magenta Produções | Direção: Camile dos Anjos | Atuação: Gisele Lemarchal | Assistência de Direção: Guilherme Godoy | Cenário: Camile dos Anjos | Consultoria Cenográfica: Rodrigo Bento | Concepção de figurino e maquiagem: Karla Neves | Execução de Maquiagem: Karla Neves | Execução de Figurino: Beatriz Gabriele e Karla Neves | Concepção e Execução de Iluminação: Rodrigo Bento | Dramaturgia: Gisele Lemarchal, com citações de Alice Yura e Linn da Quebrada | Concepção e Execução de Sonoplastia: Camile dos Anjos, Gisele Lemarchal e Guilherme Godoy | Trilha Sonora: Ana Sinício (Folha) | Arte Gráfica e Digital: Lucrécia Prieto | Fotografia: Caduts.

espetáculos apresentados, todos foram protagonizados por mulheres no elenco. Em oito trabalhos, mulheres estavam presentes também na dramaturgia, como autoras ou coautoras. Já na direção, tivemos a presença de mulheres em cinco dos nove trabalhos apresentados. Também houve maioria de mulheres em outras funções, com exceção da iluminação. A presença de pessoas LGBTQIAPN+ foi expressiva em todas as funções.

Os principais desafios vivenciados na organização da Mostra foram referentes ao acesso e a permanência do público nos espetáculos. O teatro e as artes ainda estão marcados pelo elitismo e as/os moradoras/es do entorno da Praça pouco frequentavam aquele espaço e tampouco tinham acesso a atividades culturais gratuitas. O horário das apresentações dos espetáculos adultos (início da noite) deixava as e os espectadoras/es preocupadas/os com a segurança, já que caminhar nos bairros do entorno era motivo de apreensão, em especial para as mulheres. Entretanto, observamos que, ao lado da Praça, havia uma igreja com missas aos sábados, sempre lotadas, no mesmo horário das apresentações (19 horas) realizadas por nós aos domingos. Ora, por que as pessoas se mobilizavam para a igreja, apesar das questões de segurança relacionadas ao horário noturno, e não o faziam para o teatro?

Uma experiência que nos marcou e que nos traz uma resposta possível foi a tentativa de agendamento de um veículo da Universidade para buscar um grupo de mulheres para assistirem a um espetáculo. Apesar dos nossos esforços, essa mobilização foi frustrada porque, de acordo com a líder comunitária, as mulheres “não podem desagradar os maridos” e “é horário de fazer a janta”. Então, além da questão da segurança, identificamos também a falta de autonomia das mulheres para saírem à noite com o objetivo de entretenimento artístico, bem como a falta de acesso coletivo aos bens culturais.

Embora tenhamos construído várias estratégias de divulgação, o público esteve marcado, de forma predominante, pela comunidade universitária, aspecto que entendemos como emblemático ao ampliar a circulação na cidade e expandir a compreensão do direito à cultura. Por outro lado, é preciso destacar os esforços realizados e as pequenas conquistas, ainda que nem tão expressivas numericamente. Estimamos que, em média, 25% do público presente em cada espetáculo eram pessoas dos bairros do entorno. Em alguns momentos, a equipe do CRAS mobilizou grandes grupos de mulheres e de crianças da comunidade, com apoio do transporte da Universidade, aumentando assim a presença do público local.

Para nós, o teatro lotado representou um saldo positivo, tendo em vista o cenário pós-pandêmico, e a dificuldade de formação de público espontâneo, mesmo em regiões centrais das cidades. Certamente, o processo de formação de público é uma construção a longo prazo, que

depende de uma política pública de cultura que garanta o acesso aos produtos artísticos e culturais de forma permanente. A seguir, temos um registro fotográfico de cada espetáculo.

Figura 09 - Espetáculo “Todas Serão Joanas”, com o Coletivo CLanDesTino



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Figura 10 - Espetáculo “Cães”, com o Núcleo Teatral Isadora



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Figura 11 - Espetáculo “A vida nos traz presentes inesperados”, com o Núcleo Cena Viva



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Figura 12 - Espetáculo “DesOLar”, com a Pior Palhaça do Mundo e o Coletivo Teatro de Urgência



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Figura 13 - Espetáculo “Travessia”, com o Núcleo Coelhos Mordem



Fonte: arquivo do projeto (2022).

Figura 14 - Espetáculo “Jaity Muro”, com o grupo Orendive Teatro Intercultural



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Figura 15- Espetáculo “Japuka”, com o grupo Palhaços Sem Fronteiras Brasil e EUA



Fonte: Arquivo do Projeto (2022)

Figura 16 - Espetáculo “Des-calço”, do grupo Produções XIII



Fonte: Arquivo do Projeto (2022).

Figura 17 - Espetáculo “35”, do coletivo Magenta Produções.



Fonte: Arquivo do Projeto (2022)

2.3 RELAÇÃO COM O PÚBLICO: CONQUISTAS, ESTRANHAMENTOS E LIMITES

Após os trâmites universitários e pactuações com a Secretaria de Cultura, visitamos os equipamentos públicos da região, como Unidades Básicas de Saúde, CRAS, igrejas e escolas para divulgar o Projeto, convidar para as Oficinas e para a Mostra Teatral. Também visitamos as residências próximas à praça e conversamos com as crianças e adolescentes que frequentavam o parque e a quadra. O primeiro desafio foi atrair público para as Oficinas de teatro e para a Mostra de Espetáculos, além de construir relações de apoio entre nós e profissionais que atuavam na Praça (especialmente com a funcionária da limpeza que foi fundamental para a formação de público).

Aos poucos as adolescentes foram chegando e trazendo novos desafios, com destaque para a dimensão geracional que marcou o Projeto. Eram jovens mulheres cisgênero, brancas e negras, todas estudantes de escola pública e trouxeram temáticas a serem discutidas e experimentadas no corpo, tais como: relacionamentos familiares e amorosos, violências de gênero, escola, homofobia, xenofobia, eleição presidencial e etc. Ressaltamos que a maioria se declarava feminista e todas compreendiam e questionavam a hierarquia entre homens e mulheres ainda vigente em nossa sociedade, embora muitas declarassem apoio às armas de fogo.

No encontro de junho/2022, utilizamos o documentário “Menina pode tudo”¹². Para mediar a discussão do filme, propusemos a construção de um cartaz com duas seções: “coisas de menino” e “coisas de menina”, a serem preenchidas pelo grupo, e também escrevemos em papéis algumas frases das personagens do documentário, para poderem ser retomadas após termos assistido juntas, de maneira a fomentar a discussão. O conteúdo do filme foi bem recebido, as fronteiras entre coisas de menina/menino foram questionadas pelas participantes e a partir desse encontro criamos cenas teatrais.

Utilizamos no primeiro momento alguns jogos teatrais inspirados no teatro do oprimido (Boal, 2000) que, aos poucos, foram se desdobrando e dando vida a pequenas encenações. Inicialmente, foi pedido para que as participantes se dividissem em grupos de três a quatro pessoas e que cada pequeno coletivo escolhesse uma das ações do cartaz “coisas de menina / coisas de menino” que havíamos construído. Então, pedimos que criassem, corporalmente no espaço, três imagens que refletissem aquela situação e que escolhessem uma palavra para nomear cada uma das imagens. A partir desse material, elas começaram a colocar a cena em movimento e improvisar falas. Após esse período de experimentação, o grupo selecionou o que considerava mais interessante e elaborou o texto final. A movimentação cênica também foi criada coletivamente e as cenas foram apresentadas como encerramento do primeiro semestre.

Ficamos animadas com a recepção do filme, as discussões sobre feminismos e a criação das cenas, pois o grupo nos surpreendeu com posturas combativas em relação ao assédio, à desigualdade de gênero no mercado de trabalho e no ambiente doméstico e à violência contra as mulheres. Por outro lado, ao longo dos encontros, notamos que outros temas concernentes aos feminismos, tais como liberdade sexual, diversidade sexual e de gênero, direitos reprodutivos e sororidade já não eram consensos entre o grupo, permanecendo alguns julgamentos de caráter moral e religioso em relação à conduta feminina, bem como posturas de competição e rivalidade entre mulheres. Até mesmo na relação das participantes conosco (professoras), notamos que, por vezes, despertamos estranhamentos que eram manifestados de forma sutil em relação à orientação sexual, tatuagens e vestimentas que performamos e que não pareciam comuns no convívio das adolescentes.

Para bell hooks, houve certo esvaziamento do caráter revolucionário do feminismo, no momento em que foi popularizado como estilo de vida e como forma de “empoderamento”:

¹² Documentário, 9’12, Énois Laboratório de Jornalismo, Instituto Vladimir Herzog e Patrícia Galvão, Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzPh3bJfVNM>

O feminismo como estilo de vida introduziu a ideia de que poderia haver tantas versões de feminismo quantas fossem as mulheres existentes. De repente, a política começou a ser aos poucos removida do feminismo. E prevaleceu a hipótese de que não importa o posicionamento político de uma mulher, seja ela conservadora ou liberal, ela também pode encaixar o feminismo em seu estilo de vida. Obviamente, essa maneira de pensar fez o feminismo ser mais aceitável, porque seu pressuposto subjacente é que mulheres podem ser feministas sem fundamentalmente desafiar e mudar a si mesmas ou à cultura. (...) Ao mesmo tempo, não pode haver algo como “feminismo como poder”, se a noção de poder suscitada for poder adquirido através de exploração e opressão de outras pessoas. (hooks, 2018, p. 21)

Reconhecemos que o feminismo liberal é o mais acessível às adolescentes participantes do Projeto, e o nosso papel, como educadoras, não era sermos as referências do verdadeiro feminismo ou agirmos como validadoras de ideias e de condutas, mas fomentar trocas e intercâmbios a partir da vivência coletiva. Destacamos também as diferenças culturais, geracionais e sociais que se evidenciaram entre nós e o grupo de adolescentes. Embora tivemos sucessos em algumas atividades, em outras ressaltamos o estranhamento com questões eleitorais, com discursos racistas e armamentistas, que atravessaram o processo.

O Projeto, como proposta em aberto, almejava construir um relacionamento de mão-dupla com o público-alvo, questionando a forma habitual com que a Universidade chega verticalmente às comunidades, num movimento do centro à periferia. Nossos esforços foram na tentativa de romper com qualquer relação hierárquica pré-estabelecida entre Universidade e comunidade, e construir relações de troca horizontal com o grupo.

Ao longo dos encontros, aproveitamos para problematizar aspectos cotidianos trazidos por elas. As adolescentes não conheciam, presencialmente, a universidade pública, mas já haviam visitado uma das faculdades privadas da cidade. Aspecto que indica a força do mercado na disputa por estudantes, fazendo-as acreditar que a universidade pública “é muito difícil, melhor nem tentar”. Muitas nos perguntaram sobre os mecanismos de ingresso e desconheciam as políticas de incentivo à permanência de estudantes de baixa renda.

Outro aspecto que merece destaque é que, embora o grupo fosse formado majoritariamente por pessoas não brancas e moradoras de regiões periféricas, as adolescentes eram contrárias às pessoas venezuelanas e haitianas, que na condição de refugiadas ou imigrantes, chegavam à cidade. Com os argumentos “estão pegando os nossos empregos”, “voltem para seus países”, elas reproduziam o racismo do qual também eram vítimas.

Os jogos teatrais foram disparadores para conversas ou vice-versa. Elas, na construção das cenas e nos exercícios de improviso, apresentavam uma crítica aos acontecimentos cotidianos, tais como: a menina que queria jogar futebol e o técnico dizia que era “coisa de homem”; a moça que estava voltando da faculdade e foi estuprada num terreno baldio; os

estrangeiros que roubavam os empregos; a rebelião de mulheres para livrar todos da escravidão; a mãe que exigia que a filha lavasse louça, mas deixava o irmão sair com os amigos; os meninos que só querem se “aproveitar” das meninas; a dúvida de “quando vou namorar?”; a percepção de que “a escola é muito chata”; as colegas da escola que têm a mesma idade, mas já são mães e/ou estão grávidas, dentre outros.

As temáticas trazidas pelas participantes questionavam o sistema cisheteropatriarcal e/ou “patriarcal-racista”, em diálogo com Lélia Gonzalez, que reafirma o caráter político do mundo, incluindo o privado, e neste, as temáticas como “sexualidade, violência, direitos reprodutivos etc. [vão] revelando sua articulação com as relações tradicionais de dominação/submissão” (2020, p. 140).

No último encontro, realizado em novembro/2022, propomos uma atividade avaliativa, a produção e o compartilhamento de cartas entre nós com a insígnia “Querida eu do passado...”. Nesses registros subjetivos, notamos o quanto a atividade foi significativa para as pessoas envolvidas. Trazemos, como exemplo, trechos das cartas de duas participantes. No relato abaixo, observamos não somente a importância da atividade artística em sua vida, como também a falta de acesso, de forma permanente, ao direito constitucional à cultura, sendo a atividade artística acessada somente de forma limitada e institucionalmente precária. Além disso, G., uma das participantes, relata o quanto foi interessante fazer uma oficina voltada somente para meninas e mulheres:

oi eu do passado, então, ultimamente eu estou ficando mais feliz do que antes, minha semana fica até mais legal e o bom é que eu já fiz teatro quando eu era menor e era muito legal mas infelizmente acabou e eu não sei bem o motivo de ter acabado. mas enfim, fazer teatro novamente agora maior é muito bom, e ainda só com meninas é muito melhor porque nós entendemos umas às outras. (Carta de G, 2022)

É interessante observar esse aspecto do reconhecimento do espaço de interação entre mulheres como um espaço de compreensão mútua e liberdade, pois diversas vezes durante o percurso essa proposta foi questionada (por que meninos não podem participar?), já que se tratava de algo novo para as adolescentes.

Abaixo, o trecho de outra carta, esta anônima, ressalta a oficina como espaço de acolhimento:

Querida eu do passado (antes de entrar pro teatro). Antes deu entrar pro teatro, minha vida era sem cor e muito entediante, mais um dia isso mudou, está lá eu junto com a minha amiga (...) brincando no balanço bem de boa, quando uma mulher chegou em nois perguntando se sabíamos que tinha um teatro na praça e ela queria saber se agente não queria entrar para ver como era, bem depois desse dia, comecei a ir pro teatro e serio foi muito bom adorei fazer novas amizades e me diverti muito. (...) Aqui elas nos acolheram. Como uma família ou melhor. (Anônima, 2022)

Apesar da avaliação positiva de nosso trabalho, nos surpreendemos quando, em um dos últimos encontros e num contexto de acirrada disputa eleitoral no país, algumas adolescentes da turma declararam apoio a um candidato à presidência representante de posições sexistas, machistas e racistas, temas que trabalhamos durante o Projeto. Compreendemos, porém, que um processo de reflexão e construção de conhecimento acerca desses temas é algo complexo e de longo prazo, sendo por isso necessário que as ações sejam contínuas, de forma a fazer frente minimamente às investidas do sistema patriarcal e racista, sempre a disputar o imaginário coletivo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual o lugar das mulheres, corpos racializados, feminizados, periféricos e experiências dissidentes na história e na cidade? Quem, como, onde e em quais condições se produz Arte? Arte continua a ser o que o ocidente e a dominação masculina definiram como tal? Tais questões remetem a um amplo e efervescente debate em curso pelos movimentos feministas, artísticos e o público em geral.

Há um processo de disputa e reparação em andamento conduzido pelas próprias mulheres e experiências outras, tal como buscamos relatar com a nossa experimentação. O projeto “Arte na Praça” produziu deslocamentos corporais e subjetivos, convidando-nos aos desafios de sentir/pensar. As atividades fomentaram espaços coletivos de reflexão, liberdade e compartilhamento, nos colocando no lugar de aprendizes. Sentir, para nós, é dimensão fundamental da política e não mera interioridade de sujeitos. Enquanto a racionalidade moderna pode ser sintetizada em “penso, logo existo”, seguimos inspiradas pela resposta radical à violência patriarcal branca de Audre Lorde: “sinto, logo sou livre” (2020).

Ao longo do Projeto compreendemos que, dentre tantas tarefas e aprendizados, estávamos também questionando as dimensões do público e do privado como “fronteiras que se diluem, já que a luta pelos direitos civis não se dissocia, no feminismo, das questões colocadas pela crítica do sujeito e pelas tentativas de criação de novos modos de existir no feminino” (Rago, 2016, p.105). Essa experimentação borrou “fronteiras entre ficção e realidade, intimidade e política, o eu e o mundo, [mulheres e sujeitos dissidentes] especialistas que são na arte do questionamento dos mecanismos moleculares de sujeição” (Rago, 2016, p. 105).

Nossos esforços se deparam também com outras forças que operam disputando o imaginário: há toda uma rede de comunicação de massa, incluindo disseminação de *fake news*,

montada para desinformar sobre arte, artistas, feminismo e feministas, racismo e sujeitas dissidentes, formando as noções de que artistas são pessoas financiadas pelo governo para corromper crianças, que feministas e pessoas dissidentes são promotoras de pornografia, e o racismo seria algo criado para dividir as pessoas ou obter vantagens indevidas. Tais noções, sem qualquer embasamento científico, são disseminadas, muitas vezes, por meio de comunidades, virtuais ou não, que oferecem, em troca do engajamento em tais ideologias, o sentimento de pertença e de acolhimento que pessoas racializadas e feminizadas tanto precisam, em face da sobreposição de opressões diversas.

Cientes que de “nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza” e “suprime a nossa humanidade” (Gonzalez, 2020, p. 141), são nos espaços coletivos que podemos experimentar, sentir e construir relações de solidariedade e de questionamento das violências da modernidade. Por minoritário e lento que seja o impacto de ações como a nossa, seguimos apostando na força do encontro e da presença, na construção de convívio e de aprendizagem coletiva. Na “multiplicidade dos feminismos”, que marca o presente, seguimos na “criação de novos modos de entender e praticar a política” (Rago, 2023, p. 318), indissociada de compromissos éticos e estéticos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatino americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Fontes, 2017.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PARENT IN SCIENCE. As bolsas de produtividade em pesquisa: uma análise do movimento parent in science. Porto Alegre: **Parent in Science**, 2023. Disponível em: www.parentinscience.com/documentos. Acesso em: 22 fev. 2023.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura do contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2023.

RAGO, Luzia Margareth. A coragem feminina da verdade: mulheres na ditadura militar no Brasil. **Caderno Espaço Feminino**, [s. l.], v. 28, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/34166>. Acesso em: 27 dez. 2023.